

Entre o espaço e o horizonte: a pena de um dândi carioca

Amanda Danelli Costa*

Resumo:

João do Rio foi um crítico da modernidade carioca do início do século XX e da sua nevrose temporal. Acelerações e deslocamentos de tempo são presenças constantes nas suas reflexões sobre a cidade e suas sociabilidades. O grupo de crônicas de caráter filosófico, reunido em "Chronicas e frases de Godofredo de Alencar", publicado em 1916, é analisado nesta comunicação a partir das categorias de tempo, espaço de experiência e horizonte de expectativa, propostas por Reinhart Koselleck no seu "Futuro Pasado". O objetivo que orienta a presente pesquisa se relaciona num âmbito mais amplo aos estudos sobre modernidade, civilização e cultura na cidade do Rio de Janeiro, através da leitura da obra do cronista da *belle époque* carioca.

Palavras-chave: João do Rio – Modernidade – Tempo

Abstract:

João do Rio was a critic of the modernity of Rio de Janeiro in the beginning of the twentieth century and of its time neurosis. Accelerations and dislocations of time are constantly present in his reflections on the city and its sociabilities. The group of chronicles of philosophical character, gathered in "Chronicles and sentences of Godofredo de Alencar", published in 1916, is analysed here from the categories of time, space of experience and horizon of expectation, proposed by Reinhart Koselleck in his "Futures Past". The objective that orientates the present study refers to a larger environment to the studies on modernity, civilization and culture in the city of Rio de Janeiro, through the reading of the work of the columnist of the *belle époque* of Rio de Janeiro.

Key-words: João do Rio – Modernity – Time

Antonio Maria Godofredo Pereira de Alencar tem trinta anos de idade e é solteiro. Viajou em vez de ser bacharel. Possui aquele temperamento lírico-irônico. Segundo ele, "a ironia é o lirismo da desilusão". João do Rio disse sobre o dândi: "talvez almejasse a fama, se não odiasse a pior das vulgaridades: a literatura".

Provisoriamente, essas apresentações bastam. O que Godofredo de Alencar nos deixou foi um livro de frases e crônicas suas. Se o reconhecermos como um possível pseudônimo de

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), bolsista CNPq.

Paulo Barreto, teremos neste livro aquele de teor mais filosófico. Vale ressaltar que, para este literato, sua área de reflexão circunscrevia a modernidade, na sua especificidade carioca. Reconhecer e enunciar o tema é, definitivamente, mais simples que examiná-lo; sobretudo se considerarmos suas variações e nuances na larga obra deste escritor.

Assim, selecionei trechos de duas crônicas de Godofredo que pudessem ser analisadas a partir de uma interlocução com as categorias de tempo pensadas pelo historiador contemporâneo, Reinhart Koselleck. Seus livros, *Futuro Pasado* e *Estratos del tiempo*, são os principais veículos utilizados para que, na minha pena, Godofredo e Koselleck possam se encontrar.

É preciso destacar, desde já, o que torna possível o uso apropriado dessas categorias de tempo para qualquer tempo. De acordo com Koselleck, “não existe nenhuma história que não tenha sido constituída mediante as experiências e esperanças de pessoas”¹ (KOSELLECK, 1973:335). É exatamente esse grau de generalidade, mas ao mesmo tempo de necessidade, que faz dessas “categorias” coisas tocantes à vida de qualquer leitor desse ensaio; que o faz remeter à própria vida, constituída de experiências e expectativas, de espaços e horizontes, preenchidos ou não, frustrados ou superados. Através deste raciocínio, o historiador alemão conclui que “nossas duas categorias indicam a condição humana universal; se assim se quer, remetem a um dado antropológico prévio (...)” (KOSELLECK, 1973:336).

Foi exatamente esse elemento universal – “dado antropológico prévio” – que fez saltar aos meus olhos a possibilidade de usar as crônicas e frases de Godofredo em relação com as categorias de tempo de Koselleck.

Expectativa e experiência, tomadas como categorias, me ajudam a pensar o tempo porque elaboram uma relação interna entre os tempos: passado, presente e futuro. Neste entrelace, só podemos conceber a modernidade como um tempo inédito quando as expectativas se tornam cada vez mais alheias às expectativas anteriormente feitas. Sua particularidade diz respeito a um “descolamento” imediato dos tempos que leva a um “deslocamento” imprevisto dos tempos.

Nesse movimento novo, temos que as expectativas – além das experiências – geram novas possibilidades, enquanto as realidades tangíveis se desvanecem, (re)arrumando o antes e o depois². De outra forma, pode-se dizer que “o horizonte de expectativa inclui (...) um

¹ Os trechos dos livros de Reinhart Koselleck aqui utilizados foram por mim traduzidos com o fim de facilitar a compreensão do texto.

² É neste momento em que passa a ser importante para a história voltar-se não apenas para o passado, mas para o futuro também, numa tentativa de assegurá-lo. Essa importância se deve ao fato de que ela passa a só se revelar

coeficiente de modificação que progride com o tempo”, assim como “o espaço de experiência [também] se modificou progressivamente” (KOSELLECK: 1973: 346).

Por hora, podemos afirmar, genericamente, que a modernidade pode ser entendida como uma nova maneira de experimentar o tempo e o espaço; levando em consideração o pressuposto de que o espaço de experiência se contrai na reciprocidade do dilatamento do horizonte de expectativas. A nevrose que Godofredo sentia e explicitava na sua escrita era própria de um sujeito histórico que percebia “o seu próprio lugar corresponder a uma conjuntura espaço-temporal de dimensões heterogêneas – a contemporaneidade do não-contemporâneo” (FALCON & RODRIGUES, 2000: 230). Como esclarece Francisco Falcon:

trata-se (...) de uma nova experiência do tempo (...) cujo ritmo se acelera cada vez mais, trazendo no seu bojo a consciência dessa aceleração, a consciência de um presente vivido desde o futuro imediato e sentido como passado de seu próprio futuro. (FALCON & RODRIGUES, 2000: 229)

Optei por reunir os trechos de crônicas em um grupo afim, de modo a facilitar o desenvolvimento das possíveis interlocuções entre o literato brasileiro e o historiador alemão. Assim, abrimos essa cadeia de aproximações com duas crônicas, que trazem o sentido de tempo embutido em seus títulos; a primeira chama-se *Dezembro*, e a segunda *A hora da esperança*. As duas crônicas cuidam do mesmo assunto: da leveza das expectativas criadas na época das festas de final de ano, sobretudo, na última hora de *dezembro, hora da esperança*.

Em *Dezembro*, o mês conversa com um humano e lhe fala da relevante particularidade da sua origem, o que o tornou o décimo segundo mês do ano, portanto, o último:

Eu não sou apenas o mês em que Carlos IX resolveu terminasse o ano. Para a vida e para as aspirações humanas que importam as datas, a anatomia da história escalpelando os símbolos? Datasse eu das Olimpíadas (...) e não tivesse significação alguma – a minha influência seria nula (...). Mas, datando de depois do descobrimento da América (...) eu nesta última feição, a permanente prova da maior aspiração humana, e vivo hoje com a mesma força com que vivi nas cavernas (RIO, 1916: 12).

Segundo *Dezembro*, o sonho de encontrar na América uma Atlântida fez do tempo dos descobrimentos um novo tempo, um tempo propício às expectativas, às novidades. Nesse bojo, ele foi criado, e a partir de então representa a chave que, ao mesmo tempo, fecha as recordações e abre as esperanças. Por isso ele afirma:

eficaz quando consegue projetar, gerando ganhos e benefícios. O que assegura o futuro é o sentido projetado pela história para trás, para já e para frente.

Contar o tempo é estimulante, a razão maior da vida. Não é só a certeza de ter caminhado e ter passado, é a esperança de ir para diante (RIO: 1916: 12).

Em dezembro, o que prevalece, entretanto, é essa “esperança de ir para diante” justamente por ser adjetivada pela *leveza*, enquanto a “certeza de ter caminhado” *pesa* sobre os anos que os homens acumulam com a idade. A leveza que prevalece no último mês do ano é a sua maior particularidade, que lhe dá brilho e ofusca todos os outros tempos. Desse modo, Dezembro se julga especial enquanto considera os outros meses meros tempos de transição ou passagem:

É que sempre fui, sou e serei o mês em que não se raciocina, em que os homens, em qualquer latitude (...), em qualquer estado de vida, na miséria ou na opulência, não ajuízam e não julgam, inebriados pela alegria. (...) ninguém sente a ânsia do futuro no mês de março ou no mês de outubro, ou no mês de setembro. Ninguém é melhor ou pior nesses meses que nos outros. A morte não causa surpresas. O egoísmo não impressiona. Tudo se compõe de mentira, dolo, egoísmo, amargura. Os homens esquecem a capacidade de esperar com alma. E pensam. E raciocinam. E praticam ignomínias. E mentem. E cedem porque mentir é ceder. Apenas chego eu, tudo se transforma. Por que? Porque eu sou o fim de um prazo que a fantasia prendeu aos céus. Porque eu indico a terminação da única forma sem fim, porque eu sou a porta ilusória que se abre para um outro trecho da existência, porque eu sou a esperança universal (RIO, 1916: 14).

Enquanto março ou agosto são apenas meios, Dezembro entende que, por ser o fim, é o mês que está mais próximo do início, quando o furor da proximidade aquece os corpos ansiosos por uma nova chance. Poderíamos nos perguntar: por que não janeiro? Não vale a pena a questão porque a resposta é simples: janeiro, tão logo se inicia, já começa a assumir, dia a dia, o peso de ser experiência; enquanto dezembro flutua na leveza de ser preponderantemente expectativa. Poderia ainda dizer: enquanto janeiro começa a materializar as fronteiras do espaço, dezembro não encontra limites ao ampliar seus horizontes. A força de dezembro está na onipresença do sentimento que canta em uníssono o “acorde das esperanças humanas”.

O supremo acorde vem apenas de pensar o futuro sempre melhor que o presente. Ao chegar à porta do ano que vai terminar, imaginando a vida do outro lado diversa, pensam todos no bem, na abundância, no amor, no luxo, nas riquezas, na realização do mundo que cada um tem dentro de si. Por isso a humanidade em dezembro arde de contentamento (RIO: 1916, 15).

Tendo ouvido isso, o humano afirma que, na verdade, dezembro deve tremer de medo, afinal, se nele se constroem as ilusões, lá na frente elas desmoronam desiludidas. Ao que o último mês responde:

Os homens, como Deus os fez, só não odeiam as esperanças. Eu sou o mês do egoísmo lírico, eu sou o marco único da ilusão, eu sou o mês do Sonho, o mês em que se espera. (...) Não fosse o filtro em que destilo os imãs dos contentamentos, e, ao chegar a mais este marco que marca a eternidade, os seres recuariam apavorados. A ilusão é a única verdade – o nervo da vida. Eu estou contente (...) (RIO: 1916, 16).

Neste momento, Dezembro fala exatamente do argumento principal que possibilita a construção desse texto, tal como ele se propõe. “Os homens, tal como Deus os fez, só não odeiam as esperanças” que, categorizadas em expectativas, podem ser compreendidas como um “dato antropológico”. Dezembro poderia ter argumentado com o humano entoando uma frase tantas vezes repetida: “a esperança é a última que morre”. Curiosamente, as pessoas se apegam a essa certeza, “dato antropológico”, quando sentem agonizar esse suspiro de ilusão.

Entretanto, não é assim que Dezembro conclui sua profecia; ele diz: “estou contente”. Nesta afirmação encontramos a marca “lírico-irônica” de Godofredo. Que a ilusão é uma necessidade, já não temos dúvidas; e, por isso, a crônica poderia ter concluído com a afirmação de que “a ilusão é a única verdade – o nervo da vida”. Mas não. Foi preciso dizer em seguida: “eu estou contente”, ou seja, eu estou contente com a ilusão. A ironia está, sutilmente, elaborada. Fica a dúvida: quem, de fato, está contente com a ilusão?

Godofredo insiste nessa linha de discussão, na crônica intitulada *A hora da esperança*, fazendo dois homens – um deles fantasiado de *Pierrot* – se encontrarem no torreão de um palácio, onde se comemora o *Reveillon*. Cada um desses homens assume para si, na última hora do ano, o privilégio ou da experiência ou da expectativa. A crônica se desenvolve através de diálogos que, no seu movimento de posição/oposição, tensionam a conversa. O que talvez esses homens não soubessem, mas Godofredo e Koselleck sabem, é que essa tensão se deve ao fato dessas categorias entrecruzarem passado e futuro (KOSELLECK: 1973, 337).

- Última hora do ano! Passa como sempre passaste, apagando a vida que é sofrimento na esperança que é erro, hora que eu amo, sim, que eu tenho de amar porque me afirma à vida, hora de mistério. Pandora anual, imenso e esvanecente instante das aspirações de todos nós, hora final do ano!...
- (...) a vida não tem datas e a existência não tem interrupções diante do Destino. Mas nós fazemos alto, erguemos a esperança na fermata coral do nosso Oto, queremos a felicidade.

- Perdes o tempo! Não queiras transformar o homem. A prudência manda que agradeçamos aos deuses a véspera. Mas a humanidade varia e a razão da vida é esquecer o dia de ontem pensando no amanhã. Que fazer na hora em que cada morte de um ano rebenta um novo ano? Sim. O nosso dever era louvar o passado. Mas todos nós esquecemos os bens e os males já idos para pensar apenas na problemática ventura do porvir... (...) Lembra-te de Shelley: “(...) É sempre a mesma coisa. Porque, quer seja prazer, quer seja dor, o caminho para fugir está aberto. A véspera, para o homem, não pode nunca parecer o dia seguinte”. Esta hora é a hora da esperança, a hora do dealbar, a primeira hora de uma ventura que se almeja e jamais se realiza!... (RIO: 1916: 235-238)

Enquanto um faz o elogio ao “instante das aspirações de todos nós” o outro afirma que “a existência não tem interrupções diante do destino”. Se lermos cuidadosamente, veremos que as posições não chegam a ser oposições, ou seja, afirmar o instante não pressupõe uma interrupção. O que quero dizer com isso é que é impossível isolar qualquer uma das categorias. Isto não significa que elas sejam interdependentes, mas em algum momento, mesmo que bem de leve, elas se esbarram. Koselleck nos diz que “a experiência é um passado presente” e que “a expectativa se efetua no hoje, [logo] é futuro feito presente, aponta para o não experimentado, para o que só se pode descobrir” (KOSELLECK, 1973, 338). Temos, então, que o momento de encontro é sempre o tempo presente, inequívoco aos dois homens que comemoram a hora da experiência ou da expectativa.

- Hora que deve ser saudade!
- Hora de esperança! O divino Leonardo dizia: “A esperança é o desejo de voltar ao primeiro estado (...). O homem continuamente aspira a uma nova primavera e a próximos meses e a outros anos. Quando as coisas desejadas chegam, é tarde, já não percebemos que aspiramos a nossa ruína. Mas esse desejo é a quintessência dos espíritos elementares. O homem aspira a voltar ao seu mandatário, tem a soberana demência de sofrer na esperança de não mais sofrer”...
- (...) nesta divina hora verde todos esperam e ninguém se odeia! (...) É um instante e é a eternidade. Vemos todos universalmente a promessa dos nossos pensamentos. Eu queria, como tu, ver, ouvir tocar a hora maravilhosa. Para extasiar-me, pra não a entender, (...) – pelo bem delicioso de a encontrar ainda algumas vezes, capaz de me dar alento, capaz de desabrochar no meu lábio o riso, capaz de elevar o meu coração à ansiedade jovem de esperar...
- É a hora que passa. Que os deuses me sejam propícios em alegria, em saúde, em liberdade, como das outras vezes, hora que sempre amei no mistério da esperança!...
- Hora final do ano! Hora que passas abalando de esperança os Jerichós das almas. Hora prenúncio da hora final da harmonia no vale de Josaphat! Dá que eu recorde o passado e espere o futuro como hoje, momento de exaltação – horaphoenix do mundo, derradeira hora do ano! (RIO: 1916, 238-239)

Shelley ao dizer que a véspera não deve nunca se parecer com o dia seguinte temia o que temem, talvez, os suicidas. O historiador alemão nos assegura que “passado e o futuro não chegam a coincidir nunca” (KOSELLECK, 1973: 339), entretanto, penso que é isso que devem sentir aqueles que resolvem interromper a vida. É como se, necessitando a ilusão, não conseguissem alcançá-la, ou não suportassem a ironia de vivê-la. É como se olhassem para o futuro por fazer e vissem a imagem refletida do passado, tão absoluto como um espaço de experiência fechado.

A tensão contida nessa crônica nos fala de como experiência e expectativa se relacionam. Equivoca-se aquele que crê poder deduzir da sua experiência o todo de expectativa possível. Mais do que equivocado, talvez ele varie entre os limites da desilusão e do pragmatismo, que são fatais para a criatividade humana. Entretanto, quem não baseia sua expectativa em sua experiência, também se equivoca (KOSELLECK, 1973: 341). Este se alucina, vive em devaneio.

Enfim, trata-se de mostrar que, para esses dois homens, a presença do passado é distinta da presença do futuro, às vezes faz-se mais experiência, noutras se faz mais expectativa. Fincados os pés no presente, o que os homens neste torreão não podem ignorar é que algo pode fugir ao esperado; e se isso romper o tempo da expectativa, logo depois se forma uma nova experiência. Assim, o futuro poderia ser esperado como progresso, ou temido conservadoramente (KOSELLECK, 1973: 315).

Bibliografia:

FALCON, Francisco José Calazans e RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *Tempos moderno: ensaios de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *Los estratos del tiempo: estudios sobre la historia*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2001.

_____. *Futuro Pasado. Para una semantica del tiempo historico*. Madrid: Ediciones Paidós, 1973.

RIO, João do. *Chronicas e frases de Godofredo de Alencar*. Rio de Janeiro: Editores Villas-Boas & C., 1916.